

revista de

POLVOREIRA











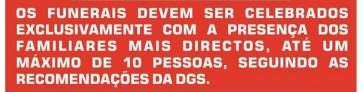
Tempo de Prevenir para Amanhã Actuar











A Junta de Freguesia de Polvoreira tem implementado diversas acções tendentes a acompanhar o esforço nacional de combate ao surto epidémico provocado pelo coronavírus. A evolução verificada nos últimos dias aponta para a entrada de Portugal numa fase de crescimento exponencial, o que dita a necessidade de adopção de medidas suplementares que visam, acima de tudo, abrandar o ritmo de propagação do surto, única forma de assegurar que o SNS mantém a capacidade de tratar casos mais graves.

Assim, om efeitos a partir do dia 16 de Março, inclusive, determino a adopção das seguintes medidas:

- 1. Encerramento do atendimento presencial ao público do ESPAÇO DO CIDADÃO;
- 2. Encerramento do edifício da Junta de
- 3. Encerramento de todos os PARQUES INFANTIS E DE LAZER:
- 4. Sugerimos a redução das visitas ao cemitério e o ajuntamento de pessoas;
- 5. Limitação do horário de funcionamento do cemitério das 08H00 às 12H00;
- 6. Desativação de todos os tanques públicos da freguesia;
- 7. Encerramento de todos os equipamentos e recintos desportivos;

Mais do que nunca, a Junta de Freguesia de Polvoreira ficará alerta às necessidades emergentes que venham a ser sentidas pela população, designadamente pelos mais frágeis ou desprotegidos, e disponível para acorrer a tais situações com a máxima celeridade e adoptando os cuidados que a situação impões no sentido de proteger tanto os cidadãos como os agentes públicos envolvidos.

Exorta-se todos os Polvoreirenses a observar permanentemente uma atitude responsável, cumprindo com rigor as recomendações emanadas pelas autoridades de saúde.

Sem um comportamento individual e social responsável e solidário, todas as medidas que as autoridades públicas possam tomar serão insuficientes e as consequências dramáticas.



ÍNDICE

Nº 27 MARÇO 2020



Quinta do Vale Comand. João de Paiva







Carlos Alberto Oliveira Presidente da Junta de Freguesia de Polvoreira



Conhecendo melhor o Padre Isaac





Isaac Newton. a maçã e o coronavírus 💐



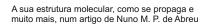




Albert Camus, o coronavirus e a literatura

Onde também se fala de Daniel Defoe



















O Coronavirus e o Carnaval











COITORIAL

Vivemos tempos de crise, mas vivemos também tempos de grandes oportunidades. São tempos de pensar, de analisar, de projectar e de, a partir daí, decidir.

Nem sempre os caminhos da humanidade foram caminhos fáceis. Mas a história diz-nos que a seguir a uma tempestade sempre veio a bonança. Só temos que, enquanto ela varre o mundo, nos abriguemos em lugares seguros, reduzindo ao máximo as perdas e projectando abrigos mais eficientes para tempestades futuras.

Naturalmente vamos sofrer alguns danos materiais e, alguns de nós, perder mesmo entes queridos, mas, naturalmente, como no passado sempre aconteceu, sairemos desta crise mais fortes, mais determinados e com experiências vividas que nos permitirão olhar de frente o futuro com renovado ânimo e determinação.

Nós, polvoreirenses, temos uma bonita história milenar de que muito nos orgulhámos e que queremos continuar a ajudar a construir. Temos, obviamente, consciência das dificuldades que uma retoma de vida em si contém. Estaremos certamente mais pobres, mais doridos mas, também, com um horizonte de novas oportunidades, de novos desafios que nos motivarão para lutar por uma vida melhor e cada vez mais digna para cada um dos nossos concidadãos.

No Norte de Itália, o território europeu onde as consequências dramáticas da pandemia, até ao momento, foram mais sentidas, um cartaz colocado por crianças na janela de um prédio, demonstra bem que a vida ganhou, com esta tragédia, mais sentido. Elas sabem que o risco de vida que o vírus a elas lhes coloca é diminuto e sabem mesmo que o vírus até as vai tornar mais imunes a vírus similares. Mas sabem igualmente que os mais idosos, os seus avós, estão entre os mais vulneráveis, serão os mais atingidos pelo disseminar do vírus. Por isso lhe quiseram transmitir uma mensagem de esperança.

O mundo, depois desta crise, ao tomar conhecimento que uma coisa ínfima, um vírus, que nem sequer se sabe se é um ser vivo ou um ser inerte, mas que num ápice lhe pode levar os seus entes queridos, aqueles que constituem as sua referências morais e éticas, vai tornar-se, tenho a certeza bem mais solidário.

Por isso, a mensagem que aqui quero deixar, neste momento de "reclusão" é mesmo essa:











Carlos M. P. de Abreu - @: c.miguel.abreu@gmail.com DIRECÇÃO ARTÍSTICA IMPRESSÃO E ACABAMENTO - costaguerreiro,lda
EMAIL: revistapolvoreira@gmail.com

Revista de Polvoreira N.º 27 - Marco 2020





quem somos

Quinta do Vale

Parte 8

Quinta do Vale não tem uma história separada da história de Carvalho d'Arca. Como anteriormente sugeri, Carvalho d'Arca passou a chamar-se Quinta do Vale quando, no segundo quartel do século XVII, António do Vale Peixoto reconstrói a casa e o filho mais velho, Alexandre do Vale Peixoto, constrói a capela da Sra. da Anunciação, cinquenta anos mais tarde.

Ao historiar Carvalho d'Arca, até 1906, fi-lo recolhendo informações em históricos arquivos que guardam os acontecimentos meio escondidos na poeira do tempo.

Ao historiar a casa de Carvalho d'Arca, a partir d'agora, o meu trabalho incide mais sobre gentes, gentes que conheci e me derem a conhecer acontecimentos por eles vividos, gentes, algumas, com quem até trabalhei, gentes que estão na rota dos caminhos que percorri na vida.

Conforme indiciei anteriormente, a família de Leite Paiva Brandão tem origem longínqua que Soveral situa, em 1500, em Braga.

Da análise do brasão da família isso mesmo se comprova. José Manuel Gonçalves, em "Rotas das Casas Brasonadas de Póvoa de Lanhoso", diz que a sua "composição é esquartelada e tem representado as pedras de armas dos Paiva, dos Brandão, dos Leite e dos Costas". Também, como escrevi em Fevereiro, e o "Armorial Lusitano" refere, no primeiro quarto do escudo, temos as armas dos Paivas, representadas por "três flores-de-lis alinhadas em banda". Na quarta de baixo, temos o brasão dos Leites. O moderno. Ele próprio esquartelado com, também, três flores-de-lis, agora em 2.1 e duas cruzes de prata. Segundo parece, o apelido Leite, resulta de uma alcunha assente no facto de o primeiro nobre assim denominado, gostar muito de "leite coito, isto é, cozido ou fervido". No canto superior esquerdo, temos as armas dos Brandões.

Existem brasões diferentes para os diferentes Brandões, consoante a família donde provenham. Quem usa os cinco "brandões" parece descender dos Brandões de Paço de Brandão, de Carlos Brandão, vindo para o reino acompanhando o conde D. Henrique e que foi sepultado no mosteiro de Grijó. Neste caso, comprova-se que os Brandões de Braga são oriundos de Carlos Brandão, os primeiros partindo de Filipe Paiva Brandão, cidadão de Braga, em 1540, os segundos partindo de Isabel Brandoa, dos Brandões de Vila da Feira. Na verdade ambos usam os cinco brandões no seu brasão.

Por último, no canto inferior direito, temos o brasão dos Costas. Recorrendo ainda ao Armorial, outra coincidência a assinalar. Tomo conhecimento que o apelido Costa é muito antigo em Portugal, data do início da nacionalidade, e parece, tal como esta, ter origem em Guimarães, na Quinta da Costa. A simbologia do brasão é visivelmente prosaica: para a família Costa, oriunda da Costa, seis costas, para mim costelas, de prata. Costa, não consta do actual apelido dos Paiva Brandão, da Quinta do Vale, tanto quanto sei. Mas se recordarmos o que atrás foi escrito, podemos constatar que o trisavô do actual proprietário de Carvalho d'Arca se chamava, João de Paiva Costa Leite Brandão.

Na recolha que fiz de imagens dos dois brasões, lavrados no jazigo da família Paiva Brandão, no cemitério de Polvoreira, verifica-se que o brasão de baixo não é mais que a reprodução ampliada do brasão inscrito no quarto inferior direito, do brasão do lado o esquerdo.

Com isto o Comandante João de Paiva que mandou construir o jazigo quis, penso eu, homenagear o avô e mandou cinzelar na pedra o brasão que o recordava já que ele, talvez por razões burocráticas, o não carregava oficialmente no nome. Chamava-se João Antonino da Ascensão de Paiva de Faria Leite Brandão.

Segundo uma pequena biografia de Joaquim de Silva Gomes, João de Paiva foi um "homem multifacetado." Nascido em 10.05.1877, foi Governador do Funchal, de Fevereiro de 1908 a janeiro de 1910, e vereador da Câmara do Porto, de 1936 a 1938, de cuja actividade deu conta em livro.

Repetindo-me, João de Paiva enviuvou de Teresa Holstein Beck, em 23 de Dezembro de 1906.

Cerca de três anos mais tarde, conheceu Maria Vera de Castelbranco Machado com que casou no Funchal, a 11 de Setembro de 1909. Poderia, então, ter escolhido qualquer das casas que legitimamente possuía, elencadas na Revista de Fevereiro, para sua

residência de Verão. Mas escolheu Polvoreira donde, para além de um escasso rendimento agrícola, não colhia qualquer provento significativo.

Acabado o mandato de Governador do Funchal e decidida a escolha, João de Paiva pôs mãos à obra e tratou de recuperar a casa de Carvalho d'Arca, praticamente abandonada pelos anteriores titulares, alguns dos quais nunca cá colocaram os pés.

Dessa obra damos conta aqui, por me parecer ter cabimento verbalizar lembrança pública a um homem que nasceu em Braga, viveu na Foz do Douro, casou na Madeira e elegeu Covas para descansar em vida e Polvoreira para descansar a eternidade.



_ In "Covas as Origens e as Gentes"



Personalidades

Conhecendo melhor o Padre Isaac

No passado dia 1 de Março, o Padre Isaac completou 85 anos. Há seis,(?) que deixou a nossa freguesia. Voltou à terra que o viu nascer e de onde saiu, há mais de setenta.

Fomos ter com ele, dar-lhe os parabéns, saber como está, como vai de saúde. Mas, sobretudo, fomos tentar conhecer melhor o sacerdote que foi pároco da nossa freguesia durante 34 anos e 4 meses.

- Padre Isaac, sabemos que fez anos há dias. Que completou 85 anos um longo e proveitoso percurso. Em primeiro lugar os nossos parabéns. Mas Padre Isaac, conhecendo nós parte desse percurso pela obra que levou a cabo no Centro Social de Polvoreira pouco sabemos, do Isaac, o jovem que decidiu um dia ser padre. Como era esse jovem?
- Em primeiro lugar, muito obrigado pelos parabéns e pela visita sinal de que muitos polvoreirenses me não esqueceram. Olhe, nasci aqui, em Mouquim, como bem referiu, há 85 anos. Posso dizer que tive uma infância muito feliz. Sinceramente, por mais que tente, não recordo qualquer acontecimento que a tenha ofuscado. Por volta dos sete, oito anos, entrei na escola de Mouquim que ficava aqui, muito perto da minha casa, e para onde ia naturalmente a pé.
 - Recorda os seus professores da primária?
- Oh! Recordo bem. Desde logo, porque a minha professora da primária era minha tia, por afinidade. Casara com um tio meu, irmão de meu pai. Fiz com ela o exame da terceira classe. Então, fazer o exame da Quarta classe não era obrigatório e quem o queria fazer, para ter acesso ao exame de admissão ao ensino secundário, tinha e se deslocar à sede do concelho. Fui fazer esse exame e, recordo com algum lamento, não passei distinto como sonhara. Só passaram dois, um deles o filho da professora que era meu primo. Já lá estão os dois, coitados!
 - E como foi o exame de admissão ao seminário?
- Um pouco complicado. A minha professora primária achava que não tinha competência para me preparar para o exame de admissão ao secundário e por isso aconselhou os meus pais a enviarem-me para Famalicão, para a professora Madalena que tinha fama de preparar muitissimo bem os alunos para os exames de admissão. E lá passei eu a calcorrear, todos os dias, os cinco quilómetros que me distanciavam da casa da professora Madalena, juntamente com dois miúdos de freguesias vizinhas. Foi para mim o início da descoberta do mundo, um dos melhores tempos da minha vida. Fiquei para sempre ligado a um , o Leitão, de Louro. Sempre que nos encontramos, fazemos uma festa. O outro, chamava-se Domingos, era de Lemenhe, nunca mais o vi. É assim a vida.
- Pela emoçao que revela, esses tempos marcaram-no muito? Lembra-se de alguns episódios dessas alturas?
- Sim, sim. Vários. Recordo, por exemplo, um, que pelos sentimentos contraditórios que produziram em mim, tenho ainda bem presente na minha memória. Aqueles temtempos não eram fáceis. Chegava a casa e, depois das aulas, com onze doze anos, tinha sempre trabalho para fazer. Naturalmente, por vezes, dava uma escapadela. Como gostava da bola, um dia fui ver um treino do Famalicão com dois ou três colegas. Cheguei à escola atrasado. Para cúmulo, tinha errado três problemas. Levei quatro palmatoadas da professora Madalena. Mas o que me deixou um pouco confuso foi saber que ela foi espreitar pela janela a minha reacção, viu-me a chorar e foi falar, preocupada, com a minha mãe. Fiquei feliz porque senti que a professora tinha carinho por mim.
 - Depois dessas aventuras todas como correu o exame de admissão ao seminário?
- Muito bem. Muito bem, mesmo. Passei com menção honrosa. Com, penso, 16 valores. Se bem me recordo só dois ou três tiveram nota superior à minha.
 - E ficou logo lá?
- Não, não, ainda demorou uns tempos. Três ou quatro semanas depois de aprovado, os meus pais receberam uma carta do seminário informando-os do enxoval que teria de levar quando lá ingressasse. Era uma lista enorme de peças que iam de lençois, cobertores, toalhas, até vestuário e calçado.

Prossegue no próximo mês

_ António Gomes



Isaac Araújo e Silva, nasceu na freguesia de Mouquim, Vila Nova de Famalicão, a 1 de Março de 1935. Em Outubro de 1947, entrou no seminário de Nª Sª da Conceição em Braga, onde terminou o curso de Humanidades. Ainda fez o 1º ano do curso de Filosofia no Seminário de Santiago, mas partiu para Díli, onde concluiu Teologia, em 1959. Ordenado presbítero, em Abril de 1960, em Díli, aí iniciou o exercício do seu ministério prestando assistência religiosa a diversas unidades militares.

Foi pároco de Polvoreira, desde 15 de Maio de 1979 e, a partir de 1 de Janeiro de 1997, também de Tabuadelo, até 13 de Setembro de 2013.

Inauguração das obras da Igreja em Tabuadelo e celebração das bodas de ouro de Sacerdócio.

Abril de 2010





Associações em quarentena





Os flagelos constituem tragédias individuais ou colectivas que dão ao homem oportunidade de exercitar a sua inteligência. E é, exercitando-a, que adquire conhecimentos e experiências, que lhe permite afastar-se, naturalmente, de flagelos e tragédias futuras e mesmo preveni-las.

E é por ter actuado assim, ao longo dos tempos, que as sociedades têm encontrado no progresso científico e tecnológico os meios para impedir, ou atenuar, os desastres humanitários.

Segundo Hegel, "a história universal descreve uma curva sempre ascendente, não trágica, mas, dentro do seu percurso, regista conflitos trágicos, fracassos de nações que apenas assinalam etapas de inflexões".

O momento que vivemos é assustador ao incutir o receio e o medo perante o desconhecido. Mas se o encararmos de frente, se transformarmos o encarceramento decretado, em devaneio intelectual, é muito natural que o recordemos, mais tarde, como um momento histórico que vivemos e que, eventualmente, nos conduziu ao progresso de que então usufruímos.

Não acreditam? Então, recordemos a história.

Isaac Newton foi um físico, nascido em Inglaterra, a 8 de Janeiro de 1643. Em 1687, publicava a sua grande obra intitulada "Princípios Matemáticos de Filosofia Natural". Nela, Newton, explicava que todo o Universo consta "de partículas duras, pesadas, impenetráveis e animadas de movimento. Partículas elementares absolutamente duras, com uma dureza infinitamente superior à dos corpos constituídos por elas, tão duras que nunca sofrem desgaste nem ruptura"

E foi através desta obra de Isaac Newton que "a simplicidade, elegância e grandeza científica se mostraram em sua plenitude" e aquele grande físico colocou ao serviço da humanidade conhecimentos que ainda hoje são fundamentais para a ciência.

Diz a história, verdadeira ou lendária, que ele descobriu este conhecimento quando, sentado de baixo de uma macieira, viu cair uma macã.

E o que estava ele a fazer, descansadamente, debaixo de uma macieira?

Estava de quarentena. Sim, de quarentena!

À data da "*Grande Praga de Londres*", ocorrida no ano de 1665, tinha Newton 22 anos. Foi uma epidemia que vitimou, num ano, entre 75.000 a 100.000 pessoas, cerca de um quinto da população de Londres, de então. Era também conhecida como **peste bubónica** e já tinha atingido a Europa em meados do século XIV. Foi uma das grandes responsáveis pelo retrocesso social verificado na idade média a par da

Guerra dos Cem Anos, e as suas consequências visuais foram representadas por pintores da época.

Newton estava, então, na Universidade de Cambridge que encerrou as suas portas e mandou os alunos para casa. Newton foi para casa da mãe que se separara do pai e vivia numa quinta, em Woolsthorpe, a 96 quilómetros de Cambridge, onde ocupava o tempo a realizar diversos trabalhos agrícolas.

Mas não só. Newton aproveitava o tempo de descanso para pensar.

Num dos momentos de descanso, estava deitado, debaixo de uma macieira, a contemplar o céu, tentando entender os mistérios da natureza. No meio daquele universo, fixava-se numa maçã que pendia sobre a sua cabeça e que, naquele momento se desprende do ramo e o atinge. Distraído com os seus pensamentos na procura dos porquês da vida, nem sequer se desviou. Acrescentou apenas mais uma pergunta à sua lista de porquês: por que razão uma maçã desce sempre perpendicular ao chão?

E encontra a resposta ao seu porquê ao elaborar, mais tarde, a lei da atracção universal, basilar para compreendermos o universo onde vivemos e que, ainda hoje, com pequenos acertos introduzidos por Einstein, 240 anos mais tarde, vigora. A história é contada por Newton a um seu amigo e colega cientista, William Stukeley, que dela fala na biografia que dele escreveu: "Memórias da Vida de Sir Isaac Newton".

Naturalmente, Newton não formulou a lei da gravidade durante o tempo em que esteve em quarenta. Mas esse tempo permitiu-lhe um tempo de reflexão, de análise de estudos elaborados por outros cientistas, entre eles de Galileu, que morrera no dia em que ele nasceu, e Kepler, que o conduziu à descoberta de uma lei fundamental da física: a lei da gravidade.

"A velocidade da queda de um corpo é proporcional à força da gravidade e inversamente proporcional ao quadrado da distância até ao centro da terra" Ou, expressa matematicamente:

m. M





















Associações em quarentena



Albert Camus, o coronavirus e a literatura

Em 1947, Albert Camus publicou um romance denominado "A Peste". Uma peste, um flagelo, que Camus não vivenciou e que, simplesmente, não existiu, ao tempo em que ele a descreveu.

Camus tentou, com aquele livro, inventariar comportamentos humanos previsíveis ou transcrever comportamentos que presenciou ou conheceu em situação não similar nas causas, mas reproduzíveis nas suas consequências.

É opinião generalizada dos estudiosos de Camus que o escritor argelino, com aquele seu romance, mais não quis que retratar metaforicamente comportamentos e reações dos habitantes de Paris quando foram sujeitos, anos antes, a uma outra "peste": a ocupação da cidade pelos nazis.

Esta posição parece sustentada numa citação que Camus faz, em epígrafe, de Daniel Defoe onde diz:

"É tão válido representar um modo de aprisionamento por outro quanto representar qualquer coisa que de facto exista por alguma coisa que existe".

Ou seja: representar a peste que não existiu é tão válido como representar a ocupação nazi que existiu. Com tal retrato, verdadeiro ou ficcionado, ficaremos melhor preparados para enfrentar qualquer um que nos surja inesperadamente pela frente.

Daniel Defoe não é um desconhecido neste contexto do coronavírus. Escreveu "Um Diário do Ano da Peste" um relato do acontecido em Londres, aquando da peste que obrigou Isaac Newton a quarentena. Fê-lo, não propriamente através das experiências vividas pelo autor, que tinha apenas 4 anos, quando a peste flagelou Londres, mas, sobretudo, através dos relatos que muitos dos sobreviventes lhe fizeram.

Acontece que, face à pandemia do coronavírus, quer "A Peste" de Albert Camus, quer o "Um Diário do Ano da Peste" se tornaram "virais". De tal forma que esgotaram nas livrarias, e não só. O livro de Defoe, de leitura obrigatória para os ingleses, esgotou-se na Amazon.

Segundo críticos literários, que aprofundaram a leitura de "A Peste", existe uma metáfora muito útil no livro: "o medo deve levar à reflexão e à união. A epidemia é uma oportunidade de reaproximação".

É também uma reflexão útil, como ponto de partida para um exame de nossa relação simbólica com o mundo. Em tempos de pós-verdades e da pandemia do coronavírus, esse exame não é apenas necessário: é uma questão de vida ou morte.

A trama do romance de Alberto Camus centra-se numa cidade Argelina, Oran, na década de 40. Nessa cidade, a rotina seguia o seu rumo para a maioria dos seus habitantes, quando milhares de ratos começaram a sair dos subterrâneos da cidade e a morrer a céu aberto. Por contágio, logo de seguida, muitos dos habitantes da cidade começaram também a morrer.

O protagonista do romance é Rieux, médico para quem a solidariedade é a única conduta humana aceitável, diante da tragédia coletiva. Porque a doença é desconhecida "reduznos a todos, aos divisores comuns mais básicos da nossa existência: a dor e o sofrimento, a angústia e o medo". Mas, também, induz no homem aquilo que o diferencia dos outros seres vivos: a prática de actos de nobreza, como o amor e a solidariedade.

Mas acontece, acrescente-se, em contrapartida, que, nessas circunstâncias - e o romance deles dá conta - os aproveitadores que não ficaram, envergonhados, lá no passado surgem-nos, descarados, no nosso presente. Basta lembrar o preço a que chegam as máscaras ou o álcool!

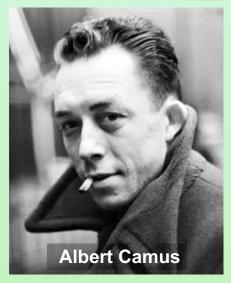
A estes aproveitadores juntam-se ainda, como dá conta Camus, os oportunistas que usam a sede de informação dos flagelados, e publicam factos falsos e ou utilizam acontecimentos fora do contexto para fazerem promoção do seu ideário político, composto geralmente de ideias cristalizadas, gerando nos sequestrados sanitários comportamentos histéricos, levianos, ou mesmo xenófobos.

De realçar, ainda, que mesmo a informação estatística do número de mortos está bem retratada no romance. Ali é feita diariamente pela rádio chegando o radialista a descrever algumas mortes em directo.

Um último traço que o espaço está findo. Camus assinala que com a horizontalidade da tragédia termina o classismo da sociedade. A peste atinge a todos, desde o pobre abandonado na rua. ao filho do juiz Othon.

De certa forma, o autor recorda-nos que estamos todos condenados a morrer. Aproveitemos a pandemia para nos tornamos mais humanos, para dar um salto civilizacional.

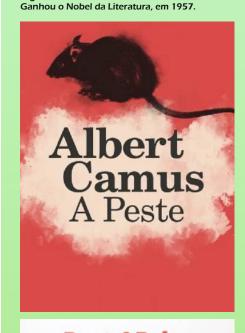




Albert Camus, nasceu na Argélia, em 1913, então colónia francesa, filho de um jornaleiro, meio francês, meio argelino e de uma mãe analfabeta, originária da ilha de Minorca.

Com poucas condições financeiras, ia mesmo desistir de estudar, quando um professor, Jean Greniez, consciente das suas capacidades intelectutuais, o ajudou.

Graças a tal ajuda, licenciou-se em filosofia e de seguida fez o doutoramento.

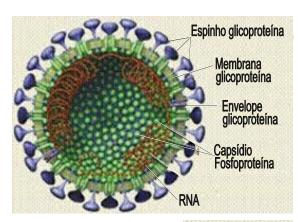






Tempo de recolhimento

dos porquês



O coronavirus em corte

uando procuramos saber o que é um vírus, a resposta mais comum é: "é um organismo muito pequenino e muito perigoso que pode causar a morte".

E, na verdade, desde logo, tal resposta contém em si uma grande parte da realidade que o conceito encerra. A palavra vírus significava, na originária língua latina, veneno. Quando um holandês, de nome Martinus, descobriu, no final do século XIX, um organismo muito pequeno, mesmo muito mais pequeno que uma bactéria, e que não era bactéria, chamou-lhe vírus, palavra recuperada da língua inglesa que significava já um "agente que provoca doenças".

Mas será o virus, um organismo vivo, ou um organismo inerte? E aqui a resposta é um pouco difícil! Nem é um organismo vivo, nem é, propriamente, um organismo inerte. Não é vivo porque não contém moléculas capazes de o reproduzirem. Não é inerte porque, se as encontrar, reproduz-se.

Para compreendermos melhor a aparente contradição, será conveniente recordar a estrutura de uma célula, afinal a unidade da vida, de que falamos, nesta Revista, faz precisamente, agora, dois anos.

Resumidamente, a célula é um organismo vivo onde se produzem todas as proteínas, os pequenos "tijolos", que lhes permitem estruturar-se e, ao fazê-lo, estruturarem o corpo onde se alojam. Neste caso, o nosso. Mas nó só. A célula é uma unidade biológica completa que fabrica, para além dos "tijolos", que se gastam com o tempo e necessitam de ser substituídos, muitos deles diariamente, as colheres de trolha imprescindíveis para assentar aqueles tijolos que, aqui, na biologia, se chamam enzimas.

Têm no seu centro, um núcleo, uma espécie de cofre-forte, onde guardam o livro com todas as fórmulas necessárias á produção dos diferentes "tijolos" - proteínas -, e das diferentes colheres - proteínas específicas. as tais chamadas enzimas.

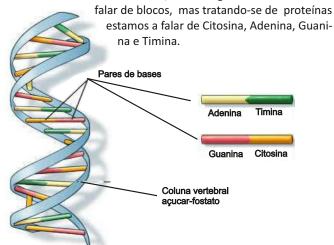
Este livro é praticamente igual em todos os indivíduos da mesma espécie, mas as pequeníssimas diferenças definem a sua individualidade, o seu específico ADN ou DNA.

Antes de mais DNA é uma sigla de **D**esoxirribo **N**ucleico **Á**cido, na versão inglesa, e metaforicamente falando, seria o papel onde estão inscritas as receitas. Como singularidade diga-se que, para o compor, são usadas apenas quatro letras: o A, o T, o C e o G . E ainda mais singular, que na sua composição são somente usadas duas linhas paralelas. Com a particularidade ainda mais extraordinária que conhecendo uma saberemos, de imediato, a outra.



Se de um lado do livro, que está estruturado em forma de uma hélice, lermos CAG, no outro lado leremos GTA. Ligado ao C está sempre o G, ligado ao A está T, e vice versa.

Naturalmente estas letras correspondem a uma matéria prima concreta. Poderia ser Cimento, Areia e Água se estivéssemos a



Mas não se pense que estas matérias primas são uma coisa muito complica-da. São apenas moléculas com um nome esquisito, chamadas de purinas ou pirimidinas, mas feitas de átomos que constituem a atmosfera que nos envolve: o oxigénio, o hidrogénio, o azoto e o carbono. Se tivés-semos em casa equipamen-to capaz, poderíamos, com facilidade, sintetizar qual-quer daquelas moléculas.

Para construir uma Adenina, por exemplo, bastava juntarmos num cadinho, 5 átomos de carbono, 5 átomos de hidrogénio e 5 átomos de azoto, também chamado nitrogénio e por isso identificado com a letra N: 5C + 5H +5N. Pronto já está.

Este livro, que é o livro mais antigo do mundo, é permanentemente republicado mas, por vezes, com gralhas ou acrescentos, que nunca são corrigidos. Dai que o livro, que se iniciou há milhões de anos tem hoje, um tamanho gigantesco, com cerca de 3000 milhões de conjuntos de três letras, cada um indicando uma específica matéria prima que não estando nós a falar de tijolos mas de proteínas se chamam aqui de aminoácidos. Todavia, desses, aproximadamente 3000 milhões de conjuntos, as nossas células só usam, no seu dia a dia, cerca de 20 mil. Mas soubemos, ainda há pouco tempo, que os restantes pares chamadas de lixo genético não o são tanto assim. Se limpos do genoma, os genes activos, como que dando falta da companhia, deixariam de sintetizar as proteinas, para que estão programados.

Mas estando a receita no núcleo da célula, a fábrica das proteínas está um pouco afastada e por isso é necessário faze-la lá chegar. Existe para isso o chamado RNA. Que é a sigla de RiboNucleico Acido, referindo a construção etimológica da língua inglesa.



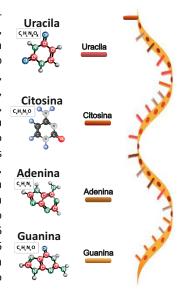
Tempo de conhecimento

rubrica

dos porquês



A diferença de nomenclatura, anteriormente assinalada, resulta evidente da etimologia da palavra: ácido desoxidado e ácido não desoxidado. Na verdade, estes ácidos do núcleo da célula e. por isso, chamados de nucleicos, assentam em três bases, uma delas, um açúcar chamado ribose, composto por 5 carbonos 10 hidrogénios e 5 oxigénios, vizinho molecular da muita conhecida glicose que nos circula no sangue, que quando é muito nos mata e que é composta por 6 carbonos, 12 hidrogénios e 6 oxigénios, como aprendemos na secundária: o conhecido C6H12O6.



Ora acontece que no DNA, a fórmula da ribose é C5 H10 O4. Ou seja, esse açúcar, a **ribose**, tem menos um átomo de oxigénio, **está desoxidado**. Por isso se chama, **Ácido DesoxirriboNucleico**.

E porque o oxigénio enferruja, desfaz as moléculas que contacta, o DNA, com menos oxigénio, é mais estável do que o RNA, e isso tem bastante importância na resiliência dos diferentes vírus.

Mas continuemos na análise do aparelho fabril da célula. Para além da diferença, em termos de desoxidação da ribose, para, talvez, facilitar o transporte, o RNA só contém uma hélice e também, quando lê a receita do DNA onde vê escrito **T** escreve ele **U**. Com efeito, os quatro aminoácidos transcritos pelo RNA são, agora, a Adenina, a Guanina, a Citosina e a **Uracila**.

Existem três tipos de RNA: o RNA **m**, mensageiro; o RNA **t**, transportador; e o RNA **r**, ribossómico.

O RNA mensageiro tem como função levar a informação do DNA contida no núcleo, até ao citoplasma que é o espaço territorial da célula, tirando aquele, limitado pela sua membrana. Aí se encontra o ribossoma, a fábrica de produção de proteínas. Para isso, ele organiza a mensagem em codões que são um conjunto de três letras seguidas que ele retira do DNA, deixando de lado o lixo de que, por ventura, esteja rodeado aquele codão, conjunto esse que constitui a receita para produzir um aminoácido.

Chegada a mensagem à fábrica, entra em funções o RNA transportador, o RNAt, que localiza e fixa os diferentes aminoácidos indicados pelo RNAm e os coloca à disposição do RNA ribossómico, que é o técnico que no ribossoma sintetiza as proteínas, os blocos necessários para manter em bom estado a célula ou mesmo em a substituir por uma nova quando aquela estiver já muito cansada.

Compreendido o "modus vivendi" da célula, onde entra aqui o vírus?

O vírus é apenas uma sequência de letras que representam aminoácidos que podem sintetizar uma determinada proteína. Está envolto numa cápsula proteica denominada capsídeo. Não tem mais nada. Consequentemente, não produz nada, nenhuma proteína que possa alterar a sua condição de organismo inerte e inerte ficará o tempo inteiro da sua existência.

Acontece porém que as proteínas que constituem a sua cápsula podem ter afinidade com as proteínas existentes na membrana de células do nosso corpo. Podem ser primas, tias, meias-irmãs ou mesmo só amigas. Caso isso aconteça, pode suceder que quando se contactam, acidentalmente, se abracem e beijem e estas abram a porta de casa àquelas. Ora, estas, logo que entram em casa da familiar, a primeira coisa que fazem é apropriar-se dos ribossomas, o aparelho fabril das nossas células. E, de imediato, passam a produzir as receitas das proteínas constantes do seu próprio DNA ou RNA e não aquelas que interessam ao seu hospedeiro, as nossas células, que no fundo são as que interessam a nós.

Há vírus mais espertos que outros. Há uns tão egoístas que colocam o ribossoma só a trabalhar para eles. São os mais virulentos mas também os mais estúpidos. Em pouco tempo matam as células hospedeiras, matam o universo onde se estruturam, o nosso corpo, e morrem com elas, desaparecendo.

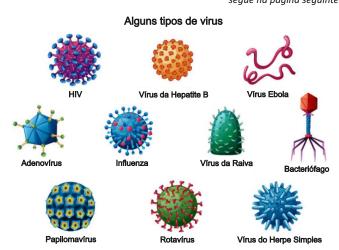
Há os mais espertos, que permitem que as células produzam as suas próprias proteínas base causando-lhes muito transtorno, mas mantendo-se muito tempo vivos até que aquelas morrem por exaustão e eles morrem com elas.

Há ainda aqueles, os mais simpáticos, que só exigem da célula um mínino, vivem com ela um regime de aceitação mútua e acabam por se tornarem parte integrante delas. Segundo alguns estudos, o nosso genoma é constituído, em cerca de 8%, por genoma viral que nos acompanha há milhões de anos. Há mesmo quem afirme que antes de existirem as primeiras bactérias, as primeiras células, existiram os virus, porções de RNA, de ácidos ribonucleicos, embrulhados numa proteína que faziam parte da "Sopa Primordial" que enchia a terra e da qual surgiu a vida, há cerca de três biliões e meio de anos.

Então que tem de especial este coronavírus que tanto assusta todo o mundo?

Refira-se desde já, que o coronavírus pertence a uma família virica referenciada, em meados da década de sessenta, do século passado, mas cujas consequências eram idênticas ao de um resfriado.

Seque na página sequinte





dos porquês



Os coronavirus

Os coronavírus constituem uma família viral conhecida já, desde meados do século passado, década de sessenta. Caracteriza-se por causar nas pessoas onde se instala, infecções não muito graves. Este vírus é

responsável por cerca de 30% das infeções gripais anuais do globo e, por isso, poder-se-á afirmar que um grande número da actual população humana já foi afectada por constipação provocada por aquele vírus.

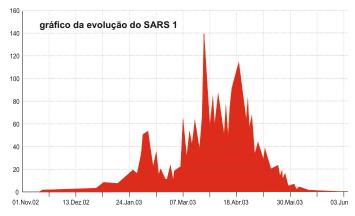
Em 2002, foi detectado um vírus da família do coronavírus que provocava síndrome respiratório agudo grave e a Organização Mundial de Saúde, a OMS, denominou-o de SARS-CoV e à doença de SARS, acrónimo da descrição, em língua inglesa, de "Severe Acute Respiratory Syndrome".

Decorrida uma década, surgiu um novo coronavírus, geneticamente modificado, na Arábia Saudita, que se espalhou pelos países do Médio Oriente, Europa e África. Mas todos os casos identificados, fora do Médio Oriente, foram-no em indivíduos que tinham viajado para essa região ou tido contacto com alguém que o tivesse feito. Por isso, àquele vírus, foi dado o nome de MERS-Cov e à infecção MERS, acrónimo da designação inglesa de "Middle East Respiratory Syndrome".

Agora, decorridos cerca de oito anos, de novo o vírus surge, com cara outra vez renovada que, parece, apanhou todos desprevenidos. Todavia, em 2005, foi tornado público um trabalho, levado a cabo por duas alunas da Universidade de Évora, Vanessa Correia e Sara Albuquerque, sobre aquele vírus. Aí é escrutinado, pormenorizadamente, o SARS-Cov, o que é o SARS, doença que classificam como "A primeira doença grave transmissível do século XXI", e quais as consequências que teve, ao tempo, no mundo. Tal estudo está disponível na Net e se os responsáveis pelo Ministério da Saúde fizessem por lá uma pequena busca quando tomaram conhecimento do surgimento de um novo coronavirus, certamente não teriam cometido tantas gafes, nem entrado em tantas contradições, mas, sobretudo, teriam antecipado medidas que certamente garantiriam um achatamento da curva de evolução da pandemia.

Eis alguns dos dados daquele trabalho.

O primeiro caso detectado, de **SARS-CoV 1**, foi na **China**, em 16 de Novembro de 2002, na província de Guangdong.





O primeiro caso detectado de **SARS-CoV 2**, foi na **China**, em 17 de Novembro de 2019, na província chinesa de Hubei. Em relação ao primeiro, as autoridades chineses só comunicaram à OMS o seu aparecimento, a 11 de Fevereiro, do ano seguinte. Na pandemia actual, o caso não demorou tanto tempo a ser comunicado mas, mesmo assim, só o foi, a 31 de Dezembro de 2019, decorrido cerca de mês e meio depois de ter acontecido. Alguns médicos, conhecedores da história anterior, quiseram antecipar a informação mas foram silenciados pelo governo Chinês.

A OMS equipou de imediato dois laboratórios que, em 14 de Abril de 2003, descobriram a sequência genética do vírus Sars-CoV. Já antes, a 12 de Março, a OMS tinha dado o alerta para a rápida expansão do vírus e recomendara restrições a viagens para um conjunto de países. Dias depois, informa que a saúde mundial está em risco. E a 20 de Março, chegam notícias dos primeiros casos nos Estados Unidos. Dias sepois, Singapura decreta a quarentena e, em 14 de Abril, é anunciado a existência de casos nos quatro continentes.

Só em fins de Abril, se contabilizam o número de infectados que naturalmente já não corresponde à realidade. Cinco mil é o número indicado. A 6 de Maio, é atingido o pico e a partir daqui o número começa a descer. De 5 de Julho até à elaboração do estudo, em 2005, o número de infectados contabilizados é apenas de 4. No final estima-se, sem números fidedignos, que o número de infectados rondou os 10 mil e, desses morreram, aproximadamente 10%.

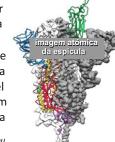
O novo coronavírus, identificado como o SARS-CoV 2, é, tal como o surgido em 2002, um vírus RNA. Isso permite, desde logo, deduzir que é um vírus sujeito a possíveis mutações dado que, como se referiu atrás, a molécula de RNA é bem mais instável que a molécula de DNA, dado esta ser constituída por um ácido desoxidado, ou seja desoxirribonucleico. Como se viu, anteriormente, o vírus necessita de uma porta de entrada para a célula e para isso tem de possuir alguma familiaridade genética com uma qualquer proteína que faça parte da membrana celular ou que nela tenha qualquer receptor.

Como as repetidas imagens do virus demonstram, o vírus SARS-CoV-2, tem, na sua superfície, uma série de protuberâncias que fazem lembrar uma coroa, levando os biólogos a baptizá-lo de coronavirus. São essas protuberância, as espículas do vírus, que são constituídas por proteínas denominadas spike que permitem ao vírus fixar-se na célula hospedeira e penetrar nela. No SARS-Cov-2, a ligação é feita, estritamente, a uma proteína conhecida como ECA 2, que está presente em diversos tecidos do nosso corpo, incluindo nariz e boca.

Esta proteína é muito conhecida da maioria dos pacientes de tensão alta, dado que está na origem, quando decontrolada, dessa maleita. Converte a angiotensina-2 em angiotensina-1 que provoca uma retenção de sódio nas artérias e o enrijamento destas. Por isso um dos medicamentos mais usados para tratamento da

tensão arterial alta é o Lisoprinol, um inibidor da actividade da ECA 2, o acrónimo de **E**nzima **C**onversora de **A**ngiotensina 2.

O trabalho científico tem dado as mãos e já foi obtida uma imagem tridimensional da proteína da espícula do virus, já foi possível mapeá-la e, tendo conta que se conhece bem a ECA 2, é possível que em breve se produza uma vacina eficiente.





da saúde





QUAL O PAPEL DA NUTRIÇÃO NA DIABETES?

O nutricionista, neste contexto, participa no tratamento e propõe estratégias de orientação nutricional e plano alimentar individualizado adequado para controlo das complicações clínicas e nutricionais. O objetivo é promover melhor aceitação e adesão ao plano alimentar e, assim, melhorar a qualidade de vida do doente diabético.

A DIABETES É UMA DOENÇA CRÓNICA QUE OCORRE QUANDO EXISTE EXCESSO DE UM AÇÚCAR (GLICOSE) NO SANGUE.

A insulina é uma hormona produzida pelo pâncreas, responsável por ajudar a glicose a passar do sangue para o interior das células. A diabetes ocorre quando o pâncreas não é capaz de produzir esta hormona em quantidade suficiente, e/ou quando a insulina não atua de modo eficaz. Quando a insulina não atua, o organismo entra em hiperglicemia, ou seja, a glicose acumula-se no sangue, deteriorando progressivamente os vasos sanguíneos.

A nutrição, pelo seu efeito na gestão de peso e no metabolismo, tem uma importância crucial quer no desenvolvimento da doença quer na sua progressão. Uma alimentação saudável e equilibrada faz parte do tratamento das pessoas com diabetes, em conjunto com a atividade física e a medicação (antidiabéticos orais ou insulina).

Os principais objetivos da alimentação de uma pessoa com diabetes são: obter um bom controlo da glicemia, colesterol, triglicéridos, pressão arterial e atingir e manter um peso saudável, de forma a prevenir o aparecimento das complicações da diabetes. Para ajudar a controlar estes fatores de risco, recomenda-se a redução da ingestão de gordura e sal e o aumento da ingestão de fibra.

Hoje em dia, a alimentação das pessoas com diabetes não têm que ser restritiva e monótona como há uns anos atrás, muito associada apenas aos cozidos e aos grelhados. Existem muitos métodos de culinária saudável que poderá, ou mesmo, deverá experimentar de forma a variar mais a sua alimentação e obter uma maior riqueza em nutrientes. No entanto, como medida preventiva do aumento excessivo de peso e da doença cardiovascular, os fritos e os pratos com molhos gordurosos deverão ser pouco frequentes. A alimentação saudável para uma pessoa com diabetes faz parte do seu tratamento, e na verdade não difere muito da alimentação que qualquer pessoa deve fazer. A medicação será muito mais eficaz se a pessoa tiver forma de aprender a melhorar os seus hábitos alimentares.

É importante que a ingestão dos alimentos seja fracionada, isto é, que faça pequenas refeições ao longo do dia, o recomendado são entre 5 e 7 refeições diárias.

Inclua alimentos ricos em fibra nas suas refeições, como o pão de mistura ou centeio, ou flocos de aveia, leguminosas (grão, feijão, ervilhas, favas, lentilhas). As fibras são importantes para todos, mas especialmente nas pessoas com Diabetes já que permitem diminuir a glicemia após as refeições, reduzir os níveis de colesterol, aumentam a saciedade e auxiliam o bom funcionamento do intestino.

As frutas e legumes devem ser consumidos diariamente. Por vezes existe a ideia, errada, de que as pessoas com Diabetes não podem comer fruta. Esta faz parte de uma alimentação saudável e equilibrada, desde que ingerida em quantidades adequadas. São alimentos extremamente ricos em vitaminas, minerais, fibras e antioxidantes. De facto a fruta contém açúcar, (a frutose) e por isso é importante que o seu consumo seja equilibrado. Não convém beber um sumo de laranja (que conterá uma quantidade de frutose muito elevada) mas também não é necessário ter receio de comer fruta, como acontece a algumas pessoas.

No caso de frutos com maior percentagem de açúcar como por exemplo as uvas, bananas, figos, diospiros, estes podem-se ingerir na mesma, mas em menores quantidades. O leite meio gordo ou os iogurtes magros com 0% gordura e 0% açúcar adicionado têm também açúcar e neste caso estamos a falar da lactose – o açúcar do leite.

No que diz respeito ao consumo de gorduras também é importante saber que existem gorduras benéficas para a saúde, como as monoinsaturadas que podemos encontrar por exemplo no azeite e nos frutos oleaginosos. Isto não significa de se devam ingerir frutos oleaginosos indiscriminadamente, pois, apesar de esta gordura ser muito saudável, tem uma valor calórico igual à gordura que não é saudável e se em excesso, contribui para o aumento de peso. Também a gordura polinsaturada como os ácidos gordos ómega 3 que existe em peixes como o salmão ou a cavala, é muito benéfica na proteção contra as doencas cardiovasculares.

A água está no centro da roda dos alimentos e esta posição não é por acaso, o consumo de água é extremamente importante. As necessidades de água são variáveis no entanto, em média, todos devemos beber entre 1,5 litros a 2 litros de água diariamente.

_Dr. Sara Silva



a nossa...















O Coronavirus e o Carnaval

Há dias, estavas aqui, feliz e contente, festejando o Carnaval, de máscara na cara, brincando com os teus amigos e amigas. dando abraços e beijinhos.

Hoje, decorrido pouco mais de um mês, estás em casa, em frente de um computador ou de uma televisão, onde constantemente te dizem para aí ficares e não dares nem beijinhos nem abraços a ninguém, nem sequer a teus pais que chegam a casa, com máscara na cara, depois de irem ao supermercado ou à farmácia, às compras.

Pedem-te para lavares constantemente as mãos, te manteres longe de quem te bate à porta, não tocares em maçanetas do prédio onde vives ou nos botões do elevador que eventualmente usas.

De um dia para o outro, toda a tua vida mudou. Ainda há dias, vias, na televisão, cortejos de gente foliona, de máscara na cara, pulando e dançando. Hoje a televisão mostra-te as ruas quase desertas e as poucas pessoas que por aí circulam de máscara branca na cara, tristes, cabisbaixas, desoladas.

E Tu, também estás triste? Não estejas. Amanhã, vais ver, vais voltar para a escola, vais voltar a correr e a saltar, a poder abraçar os teus amigos e os teus professores. E vais voltar mais rico, mais informado, mais sabedor do que é a realidade que o mundo representa.

Com esta estadia forçada em casa, aprendeste, mesmo, com certeza, a fazer os trabalhos escolares pela Net, a receber as aulas em casa a, quem sabe até, a ser mais expedito nos jogos on-line.

Tornaste-te um menino mais cumpridor das regras de higiene, menos barulhento, mais comedido porque, sabes, a vida, numa comunidade mais fechada, a isso obriga.

continua







Tem a certeza que os teus pais nunca passaram por isto. Nunca experimentaram uma situação igual a esta. Viste nos olhos deles, se calhar, medo por estarem a enfrentar o desconhecido.



Porque devo lavar muita vezes as mãos e as não chegar à boca ou ao nariz?

Porque o vírus, em forma de coroa, tem uns espigos com uma proteína muito parecida com uma que nós temos na nossa pele. Quanto a tocam fixam-se, através daquelas ventosas, nela. Se as não lavarmos muito bem e levarmos a mão à boca ou ao nariz, o vírus entra dentro de nós, vai até aos pulmões e provoca uma gripe ou mesmo uma pneumonia.



O Coronavirus e o Carnaval



Mas contigo não vai ser assim. Vais ver. Vais sair de casa, logo que esta permanência obrigatória acabe, bem mais forte, bem melhor preparado para um mundo que não foi, certamente, feito à nossa medida, e que a correria da vida nos não dá tempo para perceber.



Ficaste a saber que somos nós que temos de procurar conhecer bem esta Terra onde assentamos os pés, saber que a Terra faz parte deste universo que observamos, que os outros seres vivos que também morrem e nascem a compartilham connosco.

Ficaste a saber que se o Leão é o rei da selva nós não somos os reis do mundo. Mas graças ao nosso esforço, ao nosso trabalho, ao nosso estudo, a estas experiências vividas, cada vez o conheceremos melhor e nele viveremos felizes para sempre!



os nossos colaboradores

Diário de Teresa Gis

A Conquista das Baleares

e ao mesmo tempo trágica disse-lhe:

- Ó Martim, como eu gostava de ter sabido isso antes. Teria passado as noites bem mais sossegada sem a preocupação com a possível origem bastarda da nossa família.

- Deixe-se de tontices, querida irmã. Quem sabe se, lá na antiguidade, não encontramos algum antepassado nosso, filho ilegítimo de alguém?! Por outro lado, como podemos nós prever o futuro? Como diz a nossa irmã Abadessa, o futuro a Deus pertence e está em boas mãos!

- Deve ter razão, honrado irmão, dada a sua sensatez. Mais tarde, ainda quererei saber sobre as origens da nossa família até ao começo do Reino, desde que, além de sermos lusitanos, passamos a ser orgulhosamente portugueses. Só assim a poderei honrar. Mas agora, acompanhada pela Soraia, vou dar uma volta pela cidade, passar pela Catedral e, sobretudo, debruçar-me nas amuradas da Alcântara, olhar o rio Tejo e deitar nele, depois de beijada, mais uma flor da minha grinalda numa mensagem de amor pelo meu reino, tão distante, que é Portugal.

- Que Deus a guarde e guie - foram os votos do meu honrado e sapiente irmão Martim, de quem muito gosto.



Desde que cheguei a Toledo, praticamente todos os dias me surgem acontecimentos inesperados que nunca pensara testemunhar quando placidamente vivia a minha meninice, em Polvoreira, e mesmo, quando mais tarde, já crescidota, o senhor meu digníssimo pai fixou a sua residência. em Sintra.

Hoje, esteve no Alcázar de Toledo a rainha Violante de Aragão, a esposa do rei Afonso, nosso protector, com as suas damas de companhia, uma delas, a Milia de Castro, a prometida do meu irmão, e os seus dois filhos varões mais velhos. O primogénito, alto e desenvolto, chama-se Fernando, tem cerca de dez anos e apelidam-no de o "La Cerda". Perguntei porquê e responderam-se, entre dentes, que tinha nascido com um tufo de cerdas no peito e dai o apelido. Aliás, disseram-me ainda que a rainha não conseguia ter filhos e que o médico a mandou descansar para poder emprenhar de um macho. Ela lá foi para Alicante, depois desta ter sido conquistada aos mouros, em 1248, e aí descansou. Acabou por engravidar de Fernando e, assim, esse lugar passou a ser chamado, Lugar do Bom Repouso. O outro irmão terá cerca de dois anos a menos, é atarracado e rebeloso, sempre pronto a implicar com as aias e mesmo com as outras pessoas adultas, sem mais nem quê. A Rainha Violante é uma pessoa um pouco apagada e não disse mais que duas palavras, quando, perante ela, nós nos curvamos a apresentar-lhe cumprimentos.

O meu irmão Martim, quando, mais tarde, lhe pedi, curiosa, informações sobre a Rainha, disse-me que era filha de Jaime, primeiro de Aragão, a quem chamavam, tal como ao nosso primeiro rei, o Conquistador. Entre outras terras, tinha conquistado as Baleares de que o tio do nosso infeliz Sancho, o Infante Pedro Sanches, foi governador, desde 1236, até morrer.

Aliás, a conquista das Baleares - Maiorca e Minorca- apesar de já ter acontecido, há trinta e cinco anos, é um assunto recorrente, sempre que nos serões se recordam os grandes feitos dos nossos heróis. E isto, pelo que agora me apercebi, não só pela importância que teve no acabar com os piratas que se acoitavam naquelas ilhas e atacavam os barcos dos comerciantes que se dirigiam a Barcelona, como, e talvez mais importante ainda, por naquela conquista se terem praticado horrores com consequências trágicas, quer para vencedores, quer para vencidos.

Segundo contavam repetidamente, depois de os muçulmanos, protegidos pelas muralhas de Palma de Maiorca, exibirem nelas a crucificação de cristãos que haviam feito prisioneiros, os cristãos, num acto de retaliação, logo após a conquista, passaram pelo fio da espada toda a população balear. De tal forma, que os cadáveres amontoados, sem que a sua recolha fosse possível, provocaram uma peste que dizimou uma boa parte do próprio exército dos cristãos vencedores.

Este Pedro Sanches, era um Infante de quem a minha piedosa irmã Abadessa, a Guiomar, gostava mesmo muito porque havia trazido para Portugal as relíquias dos chamados Mártires de Marrocos. Esta história é muito comovente pelo exemplo de fé que dá e que realça a sobreposição do destino divino à arrogância humana e que, por isso, dada a fé da nossa família, já ouvi contar meia dúzia de vezes, pelo menos.

Ouvi agora mesmo os sinos da catedral de Toledo, que o avô do nosso Afonso Henriques reconstruiu, a partir de 1085, como o meu irmão me fez saber há dias, badalar 12 vezes. É já noite. Novo dia está para começar. Vou pousar cuidadosamente a minha pena de cisne que tanto cuido, e descansar um pouco. Vou, quem sabe, recordar em sonhos os Mártires de Marrocos!



Infante Pedro Sanches

de Portugal

Governador das Ilhas Baleares

Nuno A.P.O.E. de Abreu





info

paróquia

Um exemplo comovente de um Pároco italiano amado pelos seus paroquianos



"Um padre italiano de 72 anos morreu na semana passada na cidade de Lovere, na Lombardia, depois de **renunciar a um ventilador comprado pela sua paróquia** e o oferecer a um paciente mais novo.

Segundo a imprensa italiana, Giuseppe Berardelli, pároco em Casnigo, contraiu a Covid-19 e foi internado no hospital daquela cidade, na região italiana mais afetada pela pandemia, onde veio a morrer na semana passada.

Quando o seu estado de saúde se agravou, os paroquianos de Casnigo juntaram-se para lhe comprar um ventilador. Mas, de acordo com o jornal regional de Araberara, que cita um profissional de saúde da instituição onde o sacerdote morreu, o padre "renunciou por sua própria vontade ao ventilador porque alguém mais jovem do que ele necessitava dele". Berardelli já sofria de outros problemas de saúde que, somados à sua idade avançada, o colocavam num dos grupos de maior risco.

De acordo com o mesmo jornal, o padre Giuseppe Berardelli era uma figura muito acarinhada na comunidade de Casnigo. "Era uma pessoa simples, direta, de uma grande gentileza e disponibilidade para todos, crentes e não crentes. A sua saudação era 'paz e bem'. Sempre cordial e disponível para a administração pública, as associações e não apenas as da paróquia. Era amado por todos, os antigos paroquianos dele ainda vinham de Fiorano, ao fim de muitos anos, para o ver. Mas ele também tinha uma capacidade incrível para resolver problemas económicos dos outros, para bater às portas certas para ajudar", descreveu Giuseppe Imberti, antigo presidente da câmara de Casnigo.acrescentou Imberti.

Devido às restrições atualmente em vigor em Itália, o sacerdote não teve um funeral. Mas, de acordo com a imprensa italiana, os habitantes de Casnigo dirigiram-se às janelas para aplaudir enquanto o caixão do seu pároco Berardelli era conduzido para o cemitério.

Pelo menos 50 padres católicos morreram até agora em Itália na sequência da Covid-19. Itália é o país europeu mais afetado pelo surto do coronavírus e, atualmente, o epicentro da pandemia a nível global.



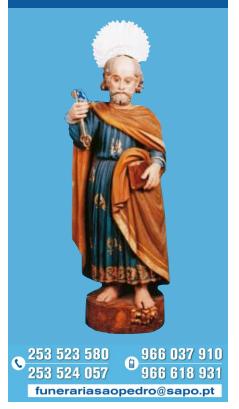
Vocês merecem tudo, Muito, muito obrigado por cuidarem dos nossos avós!

JANELA DA SAUDADE





AGÊNCIA FUNERÁRIA **SÃO PEDRO**DE POLVOREIRA, LDA.









R.Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 233 4835 - 192, Polvoreira, Guimarães

















Equipamentos e Serviços de

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira 4835 - 163 Guimarães

Informática, S.A.







Apoie as associações de Polvoreira!

Estrada Nacional 105, n.º 1531 Polvoreira, Guimarães



Joaquim Araújo

A. P. SOFT - Programação e Serviços, Lda.

932 665 701

Consultoria Informática Assistência técnica Formação

SOFTWARE DE GESTÃO - PRIMAVERA SOFTWARE
Loja de Informática - Computadores IBM / HP / DELL / Asus / Lenovo
Redes / Internet / Serviços Multimédia / POS / Acessórios

252 510 048 - 963 936 200

Rua Cmt. João de Paiva Brandão, 233, Polvoreira 4835-175, Guimarães GPS: *N 41.42014 - W -8.30070*



Rua António Costa Guimarães, 2861

4810-491, Urgezes, Guimarães

SINCRONIDEIA - Informática, Lda.

Filipe Abreu

Mediador Exclusivo

filipeabreu@meo.pt

T. +351 253 464 888

M. +351 916 987 933

fidelidade.pt

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira 4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 036 727

geral@sincronideia.pt



Telf: (+351) 253 424 570 Fax: (+351) 253 514 704

E-mail: geral@vimaponto.pt

② 253 424 400 E.N. 105, nº 787 - 4835-164, Gui

